



Segurei sua mão. Relaxa, não vai doer.
Ouvimos aquele barulhinho primeiro momento de
aflição. Excitação.
Eram os últimos segundos antes de nos marcarmos
no corpo uma da outra. A agulha entrou no seu pulso,
você apertou minha mão. Alguns minutos depois,
era a minha vez. No final do processo ficamos lado a lado,
demos as mão, entrelaçamos os dedos.
O desenho se complementava na junção.
Um símbolo da nossa infância. Sorrimos.
Não há como não sorrir ao lembrar da nossa infância.
Crescemos juntas até que o acaso decidiu nos separar.
Quando você se mudou, me disse: não importa a distância.
Hoje, quando te vejo, percebo que nos tornamos pessoas muito
diferentes, mas certos sentimentos não mudam.
Marcamos na pele o início de uma relação que sabemos que vai
durar para sempre. Minha amiga, minha amante, minha irmã.

1/7



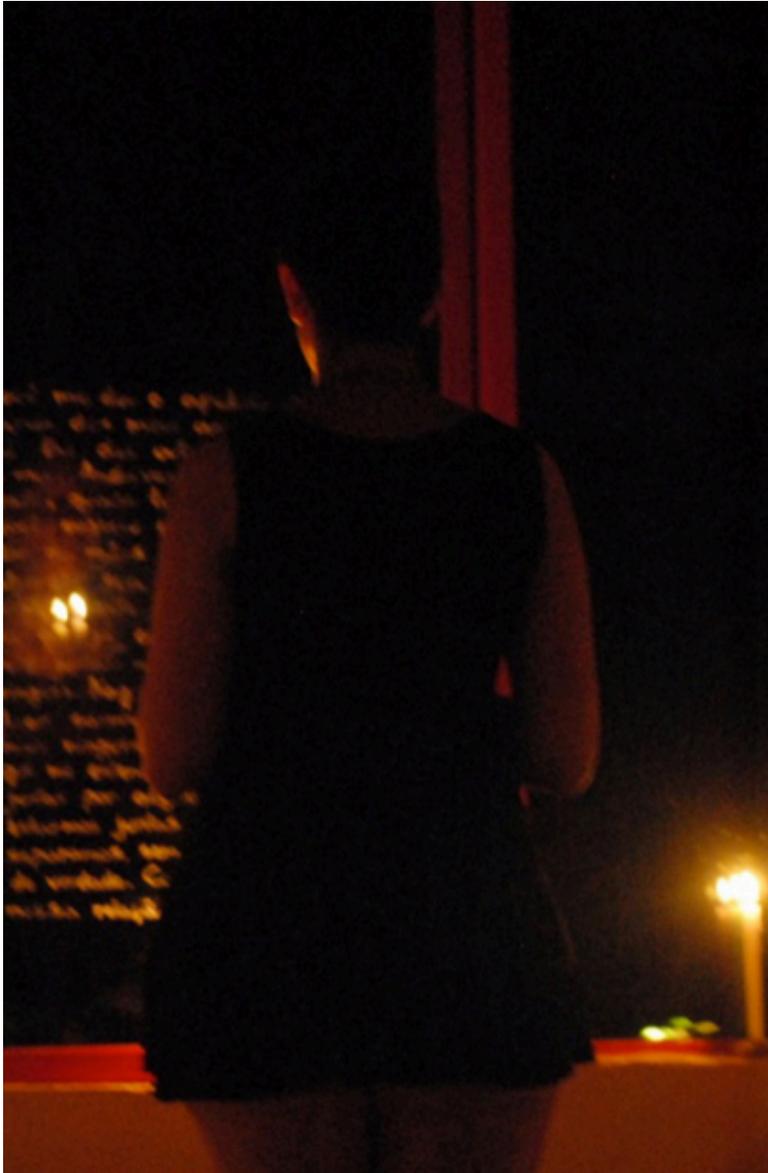
Você me perseguia pelos corredores da faculdade.
Podia sentir seus olhares por onde eu ia.
Certa vez me abordou no banheiro feminino.
Conversou comigo pelo reflexo do espelho
enquanto eu passava maquiagem nos olhos.
Eu teria ido embora logo, mas precisava terminar
-não podia sair com um olho pintado e o outro não.
Você começou falando sobre qualquer coisa
e terminou me pedindo um beijo. Eu neguei.
Você insistiu, neguei de novo. Não gostava de traições.
Alguns anos depois nos agarramos no mesmo banheiro.
E em muitos outros. Passei a evitar seus olhares.
Evitava mais ainda os olhares da outra. A cada canto, a cada
curva daquele prédio, achava que ela surgiria para me atacar.
Você ia e voltava dela para mim,
e eu nunca entendi se você gostava de mim ou do jogo.

2/7



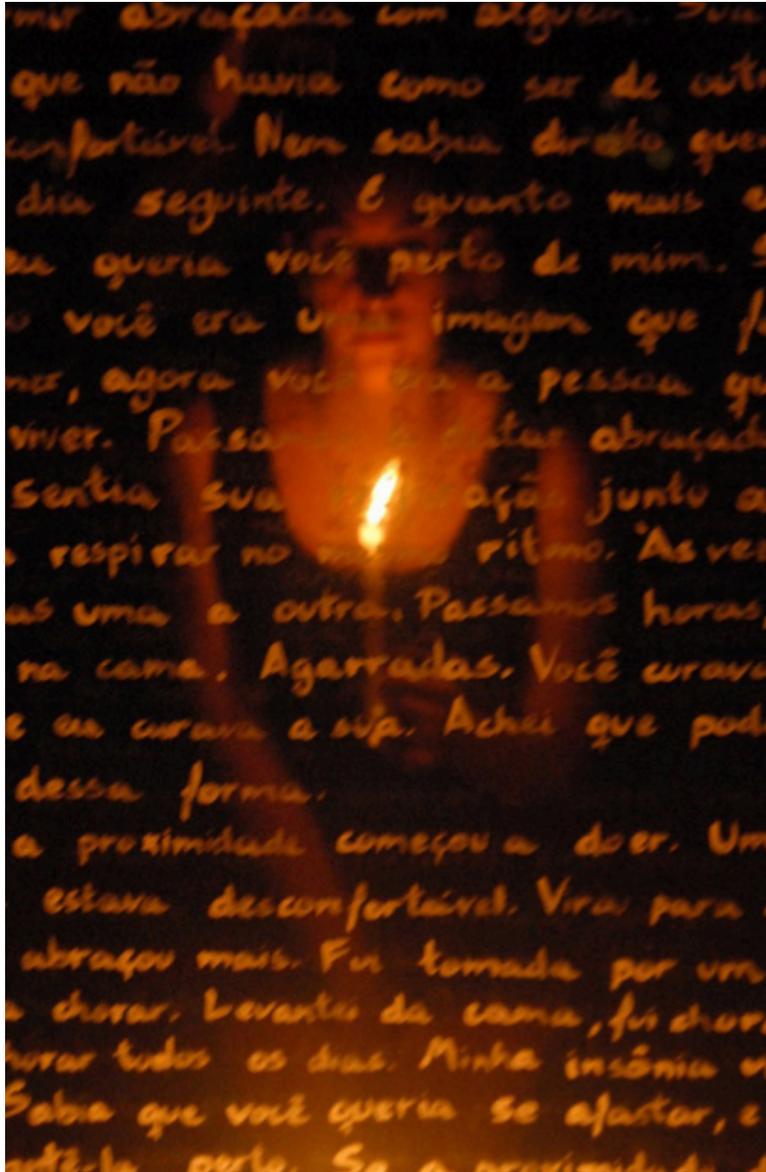
Na noite anterior à minha partida, você apareceu.
Não sabia se a veria naquele momento,
e não fiquei feliz de vê-la. Você só apareceu, só foi atrás de mim,
quando eu decidi te esquecer.
Quando eu te queria -e como eu te quis- você se afastou.
Dizia que não era para você,
e você não sabe o quanto isso me doeu.
Durante um bom tempo acreditei em nós.
Acreditei que pudéssemos ficar juntas de verdade.
A cena daquela noite ficou gravada na minha memória:
a chuva, o mar, você chorando.
Eu não consegui acreditar nas suas lágrimas e não te perdoei.
Talvez, por não conseguir te perdoar, não consegui te esquecer.
Fui embora, mas seu rosto, seu nome,
permaneceram comigo por muito tempo.

3/7



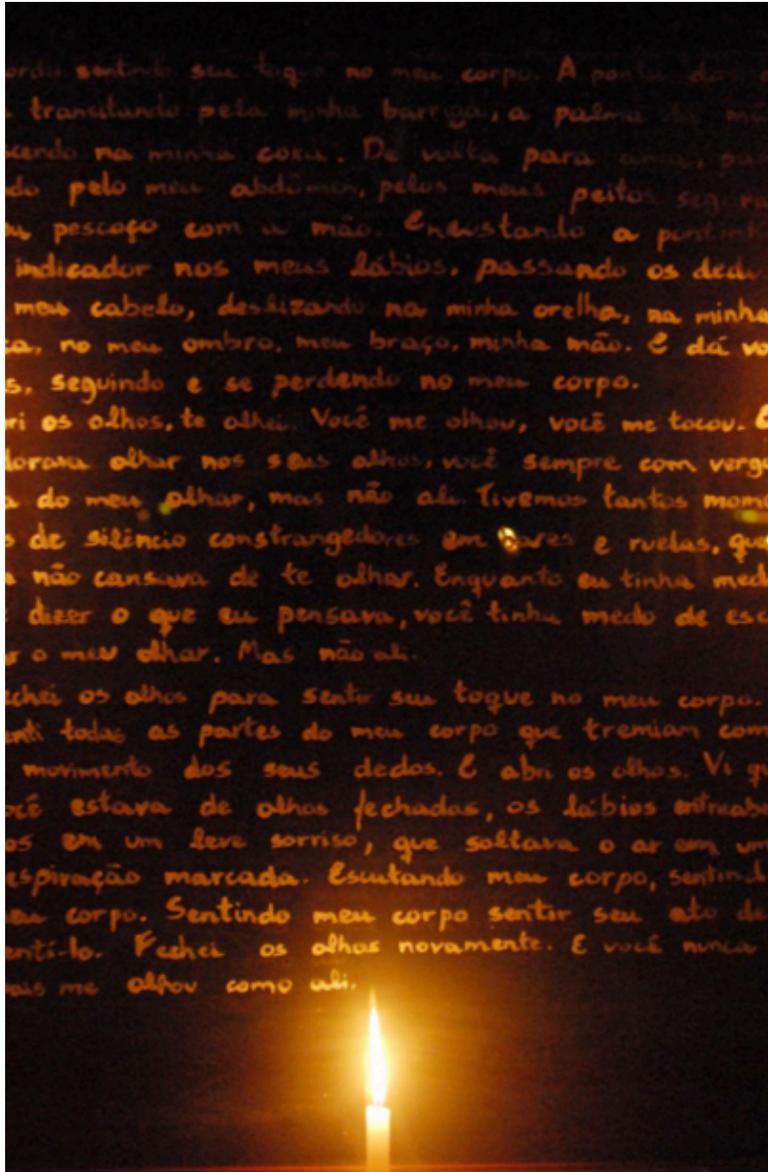
Você me deu o apelido pelo qual
vários dos meus amigos me chamam. Eu lhe dei outro,
que rimava com o meu. Andávamos de bicicleta lado a lado
quase todos os dias. Uma vez você sugeriu que tentássemos
pedalar de mãos dadas. Caí ao tentar alcançar sua mão.
Rimos muito. Você é provavelmente a pessoa mais engraçada
que já conheci. Sempre nos divertíamos juntas:
nos bares, nas festas, nas viagens.
Naquele país frio, eu não queria ficar sozinha.
Sentia que não havia mais ninguém ali que combinasse comigo,
que me entendesse como você.
Estivemos juntas por alguns meses, sem nunca estarmos juntas
de verdade. Depois nos separamos, sem nunca nos separarmos
de verdade. Com o tempo, percebi
que nossa relação sempre foi sobre amizade.

4/7



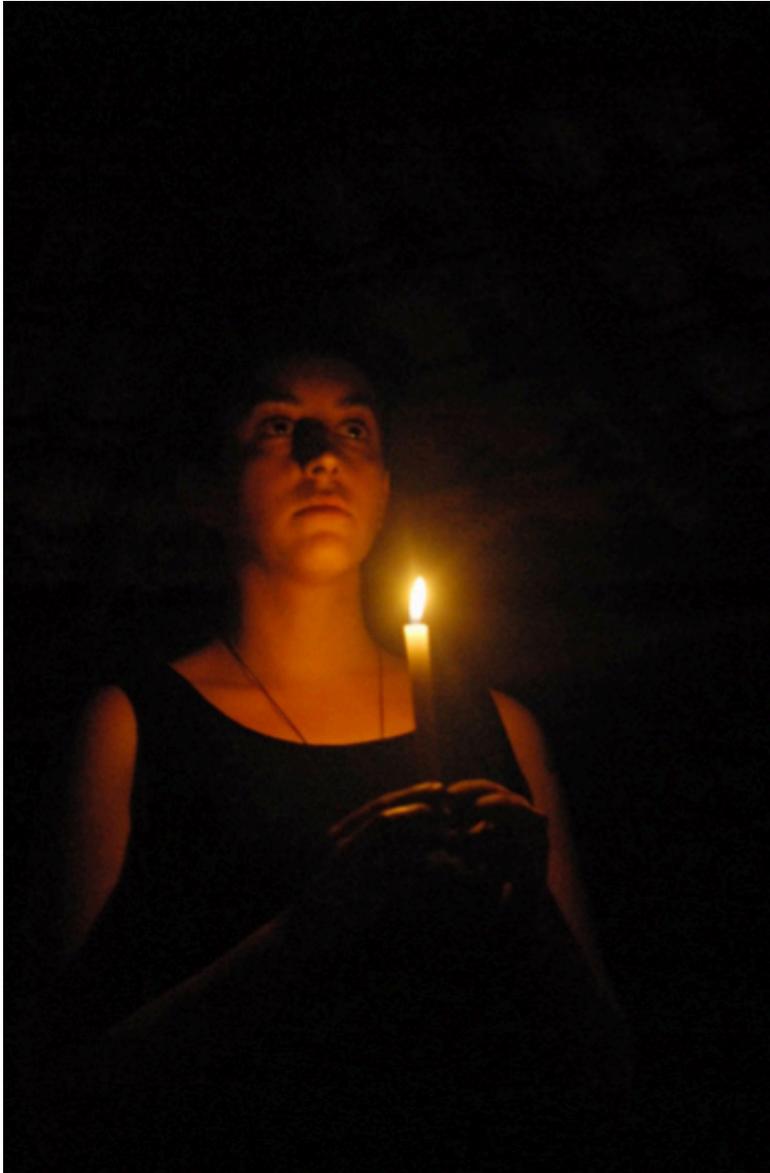
A primeira vez que dormimos juntas
foi a primeira vez que consegui dormir abraçada com alguém.
Sua cama era tão pequena que não havia
como ser de outro modo. Mas não foi desconfortável.
Nem sabia direito quem você era, descobri no dia seguinte.
E quanto mais eu te conhecia,
mais eu queria você perto de mim. Se no primeiro momento
você era uma imagem que fazia meu corpo tremer,
agora você era a pessoa que eu precisava para viver.
Passamos a deitar abraçadas todas as noites.
Eu sentia sua respiração junto ao meu corpo e tentava respirar
no mesmo ritmo. Às vezes parecíamos coladas uma a outra.
Passamos horas, dias, meses, deitadas na cama. Agarradas. Você
curava minha insônia, e eu curava a sua. Achei que poderíamos
passar a vida dessa forma. Tempos depois, a proximidade
começou a doer. Uma noite você disse que estava des-
confortável. Virou para o outro lado, não me abraçou mais. Fui
tomada por um desespero, comecei a chorar. Levantei da cama,
fui chorar sozinha. Passei a chorar todos os dias. Minha insônia
voltou, a sua também. Sabia que você queria se afastar, e eu
não sabia como mantê-la perto. Se a proximidade doía em
você, a distância começou a me machucar. Queria respirar no
seu ritmo, mas, junto a mim, você não conseguia respirar.

5/7



Acordei sentindo seu toque no meu corpo.
A ponta dos dedos transitando pela minha barriga,
a palma da mão descendo na minha coxa. De volta para cima,
passeando pelo meu abdômen,
pelos meus peitos, segurando meu pescoço com a mão.
Encostando a pontinha do indicador nos meus lábios,
passando os dedos no meu cabelo, deslizando na minha orelha,
na minha nuca, no meu ombro, meu braço, minha mão.
E dá voltas, seguindo e se perdendo no meu corpo.
Abri os olhos, te olhei. Você me olhou, você me tocou.
Eu adorava olhar nos seus olhos, você sempre com vergonha do
meu olhar, mas não ali. Tivemos tantos momentos de silêncio
constrangedores em bares e ruelas, quando eu não cansava de
te olhar. Enquanto eu tinha medo de dizer o que pensava, você
tinha medo de escutar o meu olhar. Mas não ali. Fechei os olhos,
para sentir seu toque no meu corpo. Senti todas as partes do
meu corpo que tremiam com o movimento dos seus dedos. E
abri os olhos. Vi que você estava de olhos fechados, os lábios
entreabertos em um leve sorriso, que soltava o ar em uma
respiração marcada. Escutando meu corpo, sentindo meu corpo.
Sentindo meu corpo sentir seu ato de senti-lo. Fechei os olhos.

6/7



Nos conhecemos em circunstâncias improváveis.
Você escrevia músicas tristes sobre abandono.
Eu estava triste, me sentia abandonada.
Fui convidada para encenar suas músicas.
Eu era você ali. Na ficção, tive que viver o que você passou.
Reviver o que eu mesma passei. E a gente se entendeu.
Daquele jeito meio sem jeito você se aproximou de mim.
Eu gostei. De repente, eu estava com você.
Não estava mais sozinha, estávamos juntas.
Conversávamos sem nos importar com a nossa hora.
Quando estava com você não pensava no futuro.
Mas foi tão bom, pelo menos por aquele momento,
que eu e você saíssemos dos nossos papéis de abandonada.
Lembro quando você disse que gostava de mim,
e percebi que não andávamos mais na mesma direção.
Não soube como prosseguir, e tive que lhe deixar ir embora.
Acho que me iludi, te mantive perto para não estar sozinha.
E você escreveu uma música triste sobre meu abandono.

7/7